

ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO ADOTADAS PELA SECÃO PSICOPEDAGÓGICA DO COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA DURANTE PERÍODO DE AULAS NÃO PRESENCIAIS

Vitor Cibien de Oliveira

RESUMO

Este trabalho visa realizar algumas reflexões sobre as estratégias de inclusão no Colégio Militar de Brasília, e acompanhamento dos alunos, por parte da Seção Psicopedagógica do CMB, durante o período de ensino não presencial. Segundo as Diretrizes da Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA), as práticas inclusivas visam a atender os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação e os com transtornos funcionais específicos, porém neste estudo iremos abordar a inclusão em sentido mais amplo, no contexto do período de aulas exclusivamente remotas devido à pandemia de covid-19. O objetivo deste estudo foi levantar quais as estratégias de inclusão adotadas no CMB, durante a pandemia, e quais as expectativas e realizações desde o início das aulas não presenciais. Este intento foi buscado a partir de entrevistas, coleta de dados, pesquisa de campo e uma revisão bibliográfica sobre educação inclusiva e o trabalho da seção psicopedagógica.

Palavras-chave: Colégio Militar; Ensino Remoto; Seção Psicopedagógica; Inclusão.

ABSTRACT

This work aims to carry out some reflections on the inclusion strategies at Colégio Militar de Brasília, and monitoring of students, by the Psychopedagogical Section of CMB, during the period of non-classroom teaching. According to the Guidelines of the Directorate of Preparatory and Assistance Education (DEPA), inclusive practices aim to assist students with disabilities, global developmental disorders, high skills or giftedness and those with specific functional disorders, however in this study we will address inclusion in the sense broader, in the context of the period of exclusively remote classes due to the covid-19 pandemic. The objective of this study was to find out which inclusion strategies were adopted at the CMB during the pandemic, and what were the expectations and achievements since the beginning of the non-face-to-face classes. This intention was sought through interviews, data collection, field research and a bibliographic review on inclusive education and the work of the psychopedagogical section.

Keywords: Military School; Remote Learning; Psychopedagogical Section; Inclusion.

¹ Artigo produzido com base no projeto de pesquisa desenvolvido no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, no Leme, Rio de Janeiro-RJ, como trabalho de conclusão do CURSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ângela Cristina Rodrigues de Castro (PPGHCM- CEP/FDC).

INTRODUÇÃO

O presente artigo se justifica no atual cenário social considerando que o momento que vivemos é ímpar e que muitos procedimentos tiveram que ser adotados, em diversas áreas, para adaptar-se às restrições advindas da pandemia de Covid-19. A pandemia, na maior parte do mundo, gerou, por parte das autoridades, a necessidade de reduzir o contato entre as pessoas.

O chamado “isolamento social” mudou as relações no trabalho, transporte público e de forma muito acentuada na Educação. Os alunos dos Colégios Militares passaram a ter aulas não presenciais, por ensino remoto, com aulas previamente gravadas ou em *lives*, em que as aulas eram transmitidas ao vivo. O material didático e as aulas foram disponibilizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), plataforma que era utilizada como complemento às aulas presenciais, e que se tornou fundamental para o prosseguimento do ano escolar.

Apesar de já existirem cursos online, essa modalidade comumente não se aplicava para escolas de ensino fundamental e médio, o que acarretou uma mudança no cenário familiar e escolar. As famílias já não podiam mais contar com a estrutura física da escola para acolher seus filhos, nem com os agentes de educação, tais como monitores e comandantes de companhia, e os alunos já não podiam conviver socialmente, de forma presencial, com os colegas de classe.

Uma nova realidade se apresentou: alunos passaram a ter aulas em frente à tela de seu computador ou de seu celular. A nova rotina exigiu dos alunos e seus familiares uma rápida adaptação; a mudança em escala global exigiu a adaptação de toda uma sociedade; as famílias tiveram que se organizar para novas rotinas das escolas, de seus trabalhos e de suas próprias casas.

No dia 11 de março de 2020 foi publicado o Decreto Nº 40.509, do Governo do Distrito Federal, suspendendo pelo prazo de cinco dias as atividades educacionais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública e privada, dentre outras atividades.

No dia 12 de março de 2020 o Colégio Militar de Brasília publicou, em seu site, um comunicado chamado de informativo Nr 01 onde informava aos pais sobre a disponibilização de conteúdo no Ambiente Virtual de Aprendizagem, em face à suspensão das aulas pelo governo do Distrito Federal. O Informativo Nr 01 foi o primeiro de cerca de 50 informativos, somados até o início do mês de setembro do corrente ano, todos versando sobre o período de aulas não presenciais.

Desde o primeiro Decreto em março, o Colégio Militar de Brasília se manteve no ensino não presencial, compartilhando conteúdos através de seu Ambiente virtual de Aprendizagem, porém as demais estruturas do Colégio precisavam continuar operando neste cenário inédito e uma delas era a Seção Psicopedagógica.

No âmbito escolar, e neste novo contexto, a Seção Psicopedagógica teria que dar prosseguimento à sua missão de orientar os alunos, estimulando o desenvolvimento das dimensões afetiva, cognitiva, comportamental e proporcionando a mediação entre os quatro saberes: ser, fazer, conviver e conhecer, de modo a desenvolver valores e hábitos importantes para a formação integral do aluno. Em especial, a Seção Psicopedagógica deveria realizar o acompanhamento dos alunos diagnosticados com Transtornos Funcionais Específicos (BRASIL, 2016). Atenção especial também seria direcionada à alunos novos no Sistema Colégio Militar, alunos repetentes e alunos incluídos no Projeto de Valorização da Vida (PVV), ou seja, com histórico de ideação ou tentativa de suicídio.

Neste Artigo iremos verificar como a Seção Psicopedagógica do Colégio Militar de Brasília deu continuidade a esse acompanhamento, mesmo que remotamente, e verificar as estratégias adotadas e ter um registro dessa experiência.

A pesquisa de campo foi realizada entre abril e agosto do corrente ano, período em que o Curso de Psicopedagogia Escolar foi paralisado e fui nomeado Chefe da Seção Psicopedagógica do Colégio Militar de Brasília.

1. A SEÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DO COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA.

A Seção Psicopedagógica do Colégio Militar de Brasília é composta por um (01) Major com pós-graduação em Psicopedagogia Escolar pelo Centro de Estudos de Pessoal (CEP), chefe da Seção; 03 (três) Psicólogos, sendo dois militares e uma Servidora Civil e 05 (cinco) Orientadoras Educacionais, sendo 02 (duas) militares e 03 (três) servidoras civis.

O efetivo é pequeno, já que o CMB conta hoje com cerca de 2700 alunos distribuídos nos 07 (sete) anos escolares, e insuficiente se considerarmos que cada ano escolar necessita de um orientador educacional.

Art. 7º A Seção Psicopedagógica tem a seguinte constituição: I - Chefe, preferencialmente oficial-superior, psicólogo, pedagogo ou especialista em Psicopedagogia; II - Orientadores Educacionais, em número de 1 (um) por ano escolar, com graduação em Pedagogia, habilitado em Orientação Educacional (OE) ou profissional possuidor de curso de pós-graduação em OE; III - Psicólogo, em número de 1 (um) ou 2 (dois) para cada ciclo escolar, nos colégios 'tipo 1000' e proporcional ao número de alunos nos demais; IV - Assistente social, pelo menos em número de 1 (um) por CM; e V - Agente Administrativo, pelo menos em número de 1 (um) por CM. (DEPA 2018, p.

Para atingir seus objetivos a Seção Psicopedagógica deve, entre outras missões:

Acompanhar os alunos com baixo rendimento escolar, promovendo estratégias para sua recuperação e envolvendo a família no processo; Acompanhar os alunos que, nas avaliações diagnósticas, demandarem tal assistência; Planejar, coordenar e realizar ações de cunho psicopedagógico, o aconselhamento e a orientação educacional dos alunos e dos responsáveis, visando ao aspecto preventivo da sua ação; pesquisar os hábitos de estudo dos alunos e orientar aqueles que apresentarem dificuldades, buscando junto à família o apoio necessário para solucionar essas dificuldades (BRASIL, 2016)

Durante o período de ensino remoto, duas Orientadoras ficaram em teletrabalho, por serem do grupo de risco aumentado, e apesar de manterem todas suas atividades de forma remota e com muito empenho, a dificuldade de adaptação à tecnologia teve que ser superada, pois a Seção Psicopedagógica se reunia ,como um todo, com certa frequência, e fazia parte da rotina da Seção discutir os problemas surgidos nos diversos anos para trocar experiências.

As Orientadoras Educacionais e Psicólogas reuniam-se semanalmente com a supervisão escolar de ano; essas reuniões passaram a ser presenciais, para quem estava no colégio, e remotas, para quem estava em teletrabalho.

O trabalho presencial em conjunto com o trabalho remoto se mostrou produtivo e uma excelente alternativa, porém a adaptação não foi imediata, as pessoas precisaram se adaptar à tecnologia e o próprio Colégio teve que melhorar sua infraestrutura para poder atender esta demanda.

A observação do comportamento dos alunos rotineiramente ocorria em vários momentos, em que suas atitudes podiam revelar uma necessidade de acompanhamento ou simples observação pela Seção Psicopedagógica. Os alunos geralmente eram encaminhados para Seção pelo Comandante de Companhia, ou pelo professor. Os professores interagiam com os alunos durante as aulas e os Cmt de Cia e seus monitores, durante as formaturas matinais e Formaturas Gerais.

Com o início das aulas não presenciais, os alunos já não poderiam ser acompanhados pela Seção Psicopedagógica da maneira usual. Não havendo o contato mais próximo, a seção Psicopedagógica perdia uma ferramenta relevante para levantamento de alunos que precisavam de acompanhamento.

A falta da proximidade física, dos alunos com seus professores, monitores e Cmt de Cia, diminuiu a capilaridade das informações que chegavam às seções, pois eram esses profissionais que, com maior frequência, encaminhavam alunos para a Seção. Outras atividades presenciais também auxiliavam nessa observação, eram as atividades de Educação Física, Banda de Música, Corpo de Baile e Coral. Nas atividades, fora de sala

de aula, os alunos tinham a oportunidade de acompanhamento e observação, por parte dos profissionais que atuavam nesses espaços.

Não pode ser desconsiderada também, a interação com os colegas de turma, algumas vezes, esses eram o elo com o cmt de Cia, e transmitiam demandas da turma ou problemas individuais de colegas.

A escola, como instituição social, pode ser considerada de forma ampla e, de acordo com a teoria sistêmica, como um sistema aberto que compartilha funções e que se inter-relaciona com outros sistemas que integram todo o contexto social. Entre esses sistemas, o familiar é o que adquire o papel mais relevante à educação e assim, na atualidade, vemos a escola e a família em inter-relação contínua, mesmo que nem sempre sejam obtidas atuações adequadas, já que, muitas vezes, agem como sistemas contrapostos mais do que como sistemas complementares” (BASSEDAS 1996).

Partindo das ideias apresentadas, como a seção psicopedagógica poderia continuar a prover o apoio necessário aos alunos e as famílias no ensino não presencial? Como tomar conhecimento das necessidades dos alunos novos que não chegaram a ter aulas presenciais no Colégio? Como manter as práticas inclusivas e ainda assim cumprir o distanciamento social?

2. A INCLUSÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

2.1. Educação Inclusiva no Sistema Colégio Militar do Brasil

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) garantiu, como dever do Estado, o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino.

A fim de cumprir o Objetivo Estratégico do Exército (OEE) nº 13, de “Fortalecer a Dimensão Humana”, foi inserido no Plano Estratégico do Exército (PEEx) o Projeto de Educação Inclusiva, como uma atividade imposta dentro da Ação Estratégica de “Revitalizar o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB)” Buscando atender demanda da Força Terrestre em Diretriz emitida pelo Comandante do Exército

“O SCMB admitirá, a partir de 2016, o ingresso de candidatos com necessidades educacionais especiais, oriundos de processo seletivo ou não, conforme definido nas Normas para o Ingresso de Candidatos com Necessidades Educacionais Especiais nos Colégios Militares Integrantes do Projeto Educação Inclusiva no Sistema Colégio Militar do Brasil, a serem propostas pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército e respeitando as demais condicionantes previstas neste Regulamento” (BRASIL, 2008, p.14).

A Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial formulou em 2015 as diretrizes pedagógicas para a educação especial inclusiva no Sistema Colégio Militar do Brasil, estabelecendo normas e prazos para a adoção da educação inclusiva em seus estabelecimentos de ensino.

Foi emitida a Diretriz de implantação do Projeto Educação Inclusiva no SCMB, pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, definindo os objetivos do projeto e suas prioridades (BRASIL, 2014, p.1). Entre os principais objetivos, destacam-se: ingressos de alunos com deficiência a partir de 2016; sensibilização e a capacitação do corpo docente e agentes de ensino; planejamento e execução das obras de acessibilidade e adequação das instalações.

O Colégio Militar de Brasília ficou incumbido de iniciar a inclusão no ano de 2018; para tal capacitou mais de 60 agentes de ensino, com pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva, curso de Libras, escutatória dentre outros. No mesmo período foi criada a Seção de Atendimento Educacional especializado (SAEE), destinada a acompanhar alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD).

Observando o percurso da educação ao longo de toda a História, nota-se, a despeito de a escola ser a agência responsável pela produção de subjetividade e de cidadania, a existência de teorias e práticas segregadoras, inclusive às que se referem à produção e o acesso ao saber, para membros de determinados grupos. Os diferentes aspectos capazes de promover a inclusão e a exclusão desses membros foram sendo motivos de observação e de ajustes ao longo dos anos que, por conseguinte, reposicionou a escola dentro do contexto social para o qual fora instituída: promover a educação para todos. Por este motivo, a escola passa a assumir, na última década deste século, o seu local de formadora de protagonistas, promovendo a inclusão de todos os grupos e membros da sociedade a que esteja vinculada. Nesse sentido, os Colégios Militares, guardiães do sonho do Duque de Caxias, não poderiam se olvidar de, em prestando ensino preparatório e assistencial aos dependentes dos militares, buscar a inserção dos alunos público-alvo da educação especial em sua prática pedagógica. As ações contidas nos conceitos de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, apontam para procedimentos diferenciados no âmbito da comunidade escolar. Assim sendo, em consonância à definição proposta pela Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, a educação especial deverá ser entendida como uma modalidade de ensino, transversal ao ensino regular, organizada para atender específica e exclusivamente aos alunos público-alvo da educação especial. A educação inclusiva já aponta para o apoio e o atendimento à diversidade numa ação educacional humanística e democrática. (BRASIL, 2016, p. 20).

A Educação Inclusiva é uma concepção de ensino que tem como objetivo garantir educação para todos, igualando as oportunidades sem ignorar a diversidade. A seção Psicopedagógica do Colégio Militar de Brasília, apesar de prioritariamente acompanhar alunos com Transtornos Funcionais Específicos (TFE), alunos novos no Sistema, alunos

repetentes e incluídos no PVV, e da existência da SAEE para acompanhar os alunos TGD, tem por obrigação acompanhar todos os alunos.

2.2. Ensino Remoto e Demandas Inclusivas em Tempo de Pandemia.

O ensino remoto, à primeira vista, parecia um desafio logístico e de adequação da forma de transmitir conteúdo, porém carregava consigo variáveis como a mudança de rotina que influenciava o comportamento dos alunos

Com relação à aprendizagem, as dimensões afetivas influenciam tanto de modo favorável quanto desfavorável. No primeiro, o sentido de desafio, a persistência, o entusiasmo, a curiosidade, a satisfação da tarefa cumprida, favorecem o aluno na consolidação do conhecimento adquirido, motivando-o a seguir na obtenção de novos. No segundo, encontram-se o medo, a incerteza, a resignação, a ansiedade, a indiferença, a falta de autoconfiança, o aborrecimento, etc. podendo induzi-lo ao afastamento ou à desistência. O estado afetivo experimentado na realização de uma atividade é, em grande parte, determinado pelas características e conteúdo da tarefa, assim como da estratégia pedagógica aplicada. (LONGHI; BEHAR; BERCHT, 2009, p.9)

No dia 12 março o Colégio Militar de Brasília passou a disponibilizar conteúdos no seu Ambiente virtual de Aprendizagem, esse foi o início do ensino remoto on-line que se estenderia por cerca de 07 (sete) meses. O Colégio já utilizava o AVA como ferramenta complementar, mas passou a utilizar como única forma de transmitir os conteúdos e proporcionar a interação entre docentes e discentes.

A instituição envidou esforços para otimizar sua capacidade de atender remotamente os alunos e as famílias, aumentou sua capacidade de transmissão de dados e criou toda uma seção voltada para o ensino remoto.

As aulas, no início do processo, eram gravadas e disponibilizadas, porém não proporcionavam a interação do aluno com o professor de modo que o aluno pudesse tirar dúvidas. O Colégio então decidiu transmitir aulas ao vivo, as *lives*.

As *lives* foram um grande desafio, porque implicavam em preparação prévia das instalações do Colégio. Foram criadas 04 (quatro) salas de aula exclusivas para transmitir aulas ao vivo. Pela manhã eram transmitidas as aulas do 1º, 2º e 3ºano do Ensino médio, cada um em sua sala, e seguindo o quadro horário idêntico ao do ensino presencial e à tarde do 6º ao 9ºano do Ensino Fundamental, seguindo a mesma sistemática.

As salas foram equipadas com câmeras para filmar as aulas, computador para que um outro professor da matéria respondesse as dúvidas, dos alunos, via chat, e um anteparo de acrílico separando os dois devido aos cuidados exigidos por conta da pandemia; uma terceira pessoa permanecia na sala para solucionar problemas técnicos.

Do ponto de vista psicológico, as *lives* mantinham a rotina preestabelecida durante o início do ano e seguiam horários com os quais os alunos já estavam familiarizados. As provas também eram realizadas no AVA, porém alguns aspectos chamaram a atenção da seção psicopedagógica durante esse período.

Foi observado pela Seção que alunos com histórico de excelentes notas tiveram uma queda muito brusca no seu desempenho escolar e que muitos não estavam acompanhando as aulas e até mesmo perdendo avaliações. As observações foram feitas pelas Orientadoras Educacionais de cada ano. Foi observada uma dificuldade de acompanhar a nova rotina imposta, tanto por parte do aluno quanto da família e em caso específico, foi relatado o desenvolvimento de fobia de responder questões ou atividades no computador. Os casos ocorreram não só com alunos acompanhados prioritariamente pela seção.

O ensino remoto evidenciou que muitos alunos não estavam prontos para seguir a nova rotina, por questões de adaptação ou por questões de acesso às tecnologias, portanto deveriam ser incluídos naquela nova realidade. A Seção Psicopedagógica observou que era necessário adaptar a maneira de trabalhar para a nova conjuntura, na qual muitos alunos dependiam da cobrança presencial do professor como autoridade em sala de aula, muitos se ressentiam de não estarem no espaço escolar e outros não se adaptavam ao ensino remoto. A inclusão passou a ser uma necessidade para um número muito maior de alunos, além daqueles priorizados pela Seção.

Incluir já não se aplicava apenas para alunos já identificados pelos regulamentos como alunos com necessidades especiais, surgia uma nova demanda de inclusão, aqueles que precisavam ser incluídos digitalmente, e orientados para enfrentar as dificuldades surgidas com a nova conjuntura.

3. AÇÕES DA SEÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DURANTE O PERÍODO DE AULAS NÃO PRESENCIAIS.

3.1. Problemas Observados

Para atender as demandas surgidas durante o período de aulas não presenciais a seção psicopedagógica precisou adotar novas estratégias, já que não contava com a presença dos alunos no interior do Colégio e a consequente observação por parte dos demais agentes de ensino.

Segundo estudos da Organização Pan-americana da Saúde, em situações de quarentena, há que se ter um cuidado específico com os jovens e crianças, procurando

manter uma agenda equilibrada com horários de estudos organizados e tempo para brincar, evitar grande exposição de eletrônicos e redes sociais ou qualquer conteúdo da web; manter o contato com avós, familiares e amigos; restringir ou filtrar as informações sobre a pandemia, de acordo com a idade de cada uma; conversar sobre seus medos, incentivar a expressão das emoções, por meio de brincadeiras. Nos adolescentes, é importante redobrar a atenção e ter a sensibilidade para não reforçar comportamentos que podem surgir nesse período, como as condutas oposicionistas e o retraimento, em conjunto com a frustração por não poder encontrar os amigos (OMS, 2015; IASC, 2020; LA FOLLIA et al. 2020a; UNICEF, 2020a; 2020b). Há também preocupações com grupos de crianças e adolescentes com características especiais, como os autistas (SBP, 2020; LA FOLLIA et al., 2020b). Muitas crianças dentro do espectro são dependentes da manutenção da rotina e se frustram com mudanças.

Durante esse período alguns alunos apresentaram quadros depressivos. Alunos dentro do espectro autista se adaptaram muito bem ao ensino remoto e outros não. Alguns alunos apresentaram problemas de questão familiar para acompanhamento das aulas e outros problemas econômicos. Essas demandas chegaram ao conhecimento da seção psicopedagógica através de contatos da família do aluno ou por contatos por iniciativa da própria Seção Psicopedagógica, ao perceber que o aluno estava ausente das aulas on-line ou com baixo desempenho nas avaliações.

As Companhias de Alunos em suas formaturas diárias repassavam avisos do Corpo de Alunos e da Divisão de Ensino, apesar destes avisos serem retransmitidos muitas vezes por WhatsApp; alguns alunos demonstraram dificuldade em localizar informações sobre as rotinas de aulas e avaliações, gerando ansiedade e desviando o foco do aprendizado para este problema. Foi observado, inicialmente, um número de faltas às avaliações on-line, superior à normalidade do que se verificou no histórico de avaliações presenciais, fruto da necessidade de adaptação à nova rotina.

Além disso, a pandemia impossibilitou o contato com os alunos novos no sistema, já que, inicialmente, apenas os profissionais poderiam adentrar o Colégio. O atendimento às famílias, sem o comprometimento das regras sanitárias, também teve de ser repensado e o mesmo se aplicava às devolutivas das provas diagnósticas de novos alunos.

Por outro lado, a grande demanda de trabalho para ampliação do ensino remoto, a adaptação e o aprendizado de como ministrar aulas ao vivo ou gravadas, a grande exposição dos professores por conta da transmissão das aulas via internet e o medo gerado

pela possibilidade de adoecer demandou trabalho da Seção Psicopedagógica junto aos agentes de ensino. As ações da seção psicopedagógica, durante o período de aulas não presenciais, foram fundamentais para continuar diagnosticando os obstáculos ao aprendizado e apresentar soluções aos agentes de ensino e famílias.

3.2. Ações Idealizadas e Realizadas

3.2.1 atendimento presencial agendado

A Seção Psicopedagógica, para evitar as aglomerações e manter o atendimento presencial às famílias e alunos, passou a realizar os atendimentos apenas através de agendamento prévio, esse atendimento deixou de ser realizado nas salas, para eles destinados, por serem de tamanho reduzido e poderem colocar em risco a saúde dos envolvidos. A nova sala escolhida para esse atendimento foi a da SAP, por estar isolada e em local ventilado no interior do Colégio, proporcionando privacidade e as condições sanitárias necessárias.

3.2.2. Mensagens Coletivas no Ambiente Virtual de Aprendizagem

O AVA foi utilizado pela Seção Psicopedagógica para enviar mensagens coletivas através dos orientadores de ano escolar. Cada orientador de ano enviava conteúdos motivacionais ou informativos para as turmas de aula de seu ano com o intuito de manter o contato e alertar quanto a proximidade de provas e seus horários de realização. Durante o segundo trimestre foram contabilizadas mais de 20.000 mensagens enviadas.

3.2.3. Atendimento por vídeo no AVA.

A ferramenta foi utilizada para atender alunos e famílias que por alguma razão, não poderiam comparecer ao Colégio ou não se sentiam confortáveis em utilizar deste expediente. O atendimento pelo AVA era realizado pelos psicólogos ou orientadores educacionais, dependendo da demanda. Todo atendimento era agendado previamente.

3.2.4. Ligações telefônicas.

As ligações telefônicas passaram a ser utilizadas como meio para comunicações mais urgentes, como informar aos pais que seu filho não estava realizando a avaliação que estava ocorrendo naquele momento. As ligações para esse tipo de aviso tinham o objetivo de evitar o prejuízo para o aluno no período inicial de adaptação às aulas não presenciais, alertar os pais sobre a importância de acompanhar e fiscalizar as atividades dos filhos e orientar sobre onde os pais poderiam encontrar todas as informações. As ligações não foram realizadas durante todo o período de não presencial, foram apenas um trabalho inicial de conscientização para que as famílias atingissem sua autonomia.

3.2.5. Acompanhamento da Realização das Avaliações.

As avaliações foram realizadas no AVA e para tal, os professores das disciplinas acompanhavam via chat para poder tirar dúvidas dos alunos. Além do professor, os integrantes da Seção Psicopedagógica ficavam encarregados de acompanhar a realização das provas ficando em condições de auxiliar, principalmente os alunos com alguma necessidade especial, se estes demandassem ou se o profissional notasse que o aluno não realizou, teve algum problema durante a avaliação ou até mesmo não acessou a plataforma.

3.2.6. Contato com profissionais de saúde que acompanham alunos do CMB.

A Seção manteve contato principalmente com psicólogos clínicos, que acompanhavam nossos alunos, para manter atualizada as informações da seção e acompanhar o desenvolvimento dos alunos durante o período.

3.2.7. Ações preventivas visando o Corpo Docente.

A Seção proferiu palestras com o intuito de acolher as demandas dos docentes e dar oportunidade de exporem suas opiniões, teve o objetivo de reconhecer o empenho de todos e falar um pouco sobre o novo normal e sobre a nobreza da missão dos agentes de ensino. A palestra também reforçou a importância da coesão do grupo e reproduziu vídeos com mensagens de agradecimento dos alunos. As palestras ocorreram de forma presencial, no interior do Colégio, em espaço amplo que proporcionava o distanciamento necessário e foram transmitidas pelo AVA para os professores que se encontravam em teletrabalho.

3.2.8. Atendimento de Docentes e Agentes de Ensino.

Durante o período de aulas não presenciais muitos profissionais não puderam permanecer no Colégio por serem do grupo de risco, o clima de medo existia entre muitas pessoas e a necessidade de gravar aulas gerou uma pressão que sobrecarregou alguns profissionais de forma física e emocional. A seção interveio por meio dos psicólogos que algumas vezes foram solicitados para atender os profissionais do Estabelecimento de ensino. A solicitação partia do próprio profissional, de coordenador de sua disciplina, supervisão escolar ou da Chefia da Divisão de Ensino.

3.2.9. Reunião de Discentes.

Mesmo a distância, foram realizadas as reuniões de discentes previstas pela Divisão de ensino. Foram enviados questionários para que os chefes de turma distribuíssem para os demais alunos com perguntas sobre as aulas e avaliações não presenciais e demais opiniões que os alunos quisessem expor. A reunião teve excelente

participação atingindo quase que a totalidade dos alunos.

3.2.10. Acompanhamento dos Alunos Novos no Sistema.

Os alunos novos fizeram as avaliações diagnósticas como previsto e o feedback foi feito pela Seção em contato com os pais, as devolutivas eram agendadas para evitar que vários responsáveis comparecessem ao colégio simultaneamente e os orientadores acompanharam o desempenho escolar desses alunos mantendo sempre contato com os responsáveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas não presenciais foram um desafio inédito para todo o Sistema Colégio Militar, que gerou não só demandas logísticas, mas uma grande demanda de trabalho na área afetiva de profissionais, alunos e familiares.

A Seção Psicopedagógica envidou esforços para conseguir manter o seu trabalho de acompanhamento dos alunos e foi além, verificando as novas demandas advindas da pandemia; enfrentou também a redução de seu efetivo presencial, porém manteve o cumprimento de sua missão de apoio aos alunos, famílias e profissionais do Colégio.

A Seção Psicopedagógica usou como estratégia, para acompanhar todos os alunos, além do contato das famílias, a verificação do acesso ou não dos alunos no AVA por meio dos logs de acesso da plataforma. Se o aluno não acessava as aulas era feito de imediato o contato com a família para informar e dirimir qualquer dúvida. Devido ao número muito elevado de alunos, esse trabalho só foi possível com ajuda das Cias de alunos que também faziam as ligações para as famílias.

Todas as ligações ou intervenções junto aos alunos ou responsáveis ficaram registradas nas fichas dos alunos, assim ficava mais fácil verificar se o aluno era reincidente na falta ou se era um acontecimento isolado.

Os contatos realizados pela Seção Psicopedagógica, com familiares e alunos, não tinham apenas a função de informar, mas principalmente de acolher e mostrar para alunos e famílias que o Colégio estaria sempre pronto para atender suas demandas, independente de estarmos vivendo uma pandemia.

O grande período com aulas exclusivamente em ensino remoto, resultou em novas práticas que podem ser incorporadas pelos profissionais, em suas práticas, pelo resto de suas carreiras, assim como muitos que não tinham conhecimento de ferramentas computacionais passaram a ter e gostaram do aprendizado.

O momento de crise gerou um esforço coletivo que fez com que todos

melhorassem um pouco em suas funções e passassem a conhecer melhor o trabalho dos colegas. As aulas presenciais ainda não retornaram em tempo integral e só saberemos o impacto dessa experiência em alguns anos.

6.REFERÊNCIAS

BASSEDAS E et al. **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. Tradução: Neves BA. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei n.o 9394/96)**. 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BUDEL, Gislaine; MEIER, Marcos. **Mediação da aprendizagem na educação especial**. Curitiba, IBPEX, 2012.

DUTRA. **Revista de Educação Especial**. 2005

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Como falar com crianças sobre o corona vírus**. Brasília: Unicef, 2020.

INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE. **Como lidar com os aspectos psicossociais e de saúde mental referentes ao surto de COVID-19**. Versão 1.5, março de 2020.

LA FOLLIA. Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental e Terapia Ocupacional da UFSCAR et al. **Cuidando da sua saúde mental em tempos de Corona vírus**. 2020.

LONGHI, Magalí Teresinha; BEHAR, Patricia Alejandra; BERCHT, Magda; **O sujeito afetivo e os ambientes virtuais de aprendizagem**. Rio Grande do Sul, UFRGS, 2008.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. - 2.ed. ver. atual. ampl. - Curitiba: IbpeX, 2008.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Proteção da saúde mental em Situações de Epidemia**. Tradução do original em espanhol. Organização Pan-Americana de Saúde, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão. Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1999

SILVA, Aline Maira da. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: InterSaberes, 2012. – (Série Inclusão Escolar)

SOUZA, Gabriela Menezes de. **Gestão pedagógica na educação básica: o estudo de caso de uma escola pública federal com resultado de sucesso**. Dissertação de Mestrado, UCB, Brasília/2008.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca: Unesco, 1994.

WORLD HEALTH ORGANISATION. **Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak.** 18 March 2020.

VYGOSTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 7 ed, 2005.